

AS SOFREDORAS, OPS!, TRABALHADORAS BRASILEIRAS DO SETOR DE ALIMENTAÇÃO DE 2010 A 2019

FERREIRA, Antonio Agaildes Sampaio
Bacharelado em Gastronomia pela Universidade Federal da Paraíba
e-mail: agaildes_junior@hotmail.com

TEIXEIRA, Ademilson Bezerra
Licenciando em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Paraíba
e-mail: ademilsonbez@gmail.com

SILVA, Valéria Louise de Araújo Maranhão Saturnino
*Professora Orientadora Doutora em Finanças pela Universidade Federal de Pernambuco e
Professora do Departamento de Gastronomia da Universidade Federal da Paraíba*
e-mail: valeria.saturnino@academico.ufpb.br

Resumo

Esta é uma pesquisa quantitativa, de natureza básica, com objetivos exploratórios e que utiliza procedimentos bibliográficos e documentais. Analisaram-se as dinâmicas de trabalho do ramo da alimentação brasileira, mediante coleta de dados eletrônicos no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nos anos de 2010 a 2019. Estes foram analisados à luz dos estudos de gênero, levantando evidências da divisão sexual de trabalho e das dinâmicas de desvalorização do trabalho das mulheres neste setor. Notou-se que, nesta década, houve um crescimento de 2,7% do total de empresas, que a população ocupada total do setor de alimentação corresponde a 3,5% da mesma população de todos os setores brasileiros e que, apesar das mulheres serem mais de 54% da população ocupada assalariada, recebem menores remunerações dos que os homens. Estes dados evidenciaram a necessidade de ajustes nas condições de trabalho das pessoas do gênero feminino e trazem à tona que a vida laboral das trabalhadoras do ramo alimentar ainda sofre forte influência de todos os estigmas que hoje são compreendidos como cicatrizes de um processo de colonização e que trouxe consigo uma cultura subserviência e desvalorização da vida e do trabalho das mulheres.

Palavras-chave: Desigualdade de gênero; Divisão sexual do trabalho; Gastronomia; Mercado de trabalho; Mulher.

Introdução

As configurações dos papéis sociais em civilizações colonizadas sofrem influência do modo de vida europeu, que foi imposto à estas através do processo de colonização. Isto originou cicatrizes sociais que se manifestam nos dias de hoje como opressões (FERNANDES, 2019) contra grupos, hoje conhecidos por minorias, tais como mulheres, negros/as, indígenas, pessoas LGBTQIAP+ e pessoas com deficiência. Esses/as indivíduos/as foram marcados/as com inúmeros estigmas que garantiram a criação e o fortalecimento de relações de subserviência para com os colonizadores (CURIEL, 2011, 2015).

Este estudo se debruçou sobre as dinâmicas de trabalho no ramo da alimentação brasileira, através da coleta de dados por meio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nos anos de 2010 a 2019. Os dados obtidos pela pesquisa foram analisados à luz dos estudos de gênero, uma vez que as mulheres correspondem a maior parte da população mundial e a maioria das pessoas que trabalham no ramo da alimentação, levantando evidências da divisão sexual de trabalho e da dinâmica desvalorização do trabalho das mulheres neste setor.

Neste sentido, o que é esperado, permitido e valorizado pelo homem é diferente do que é esperado, permitido e valorizado pela mulher (RESENDE, MELO, 2016). Na gastronomia não é diferente, pois, quando a mulher cozinha em casa ou em seu espaço laboral, ela é menosprezada (BRIGUGLIO, 2022), já ao homem é atribuído todo o “glamour da função de Chef” (AMORIM et al, 2016, p. 2).

Essa diferença de tratamento está presente, também nas atribuições laborais, onde as praças (postos de trabalho da cozinha) são categorizadas como “de homem” ou “de mulher”

(BRIGUGLIO, 2022).

Mesmo inseridas no mercado de trabalho, além de todo o preconceito, discriminação, violência e assédios (VIANA, 2021), as mulheres também precisam lidar com bloqueios na ascensão profissional, o que Marilyn Loden teorizou como sendo um “teto de vidro” que levanta estudos, análises e discussões sobre os impedimentos que as mulheres, tidas como frágeis, têm para ascender profissionalmente, sendo necessário trabalhar mais do que os homens para se “equiparar” a eles (BELTRAMINI, CEPellos, PEREIRA, 2022).

Visto isso, este trabalho tem como objetivo investigar a presença e ocupação de trabalhadores/as na área de produção de alimentos no Brasil, com recorte de gênero. Para isso, verifica-se sua ocupação, quantificação e renda salarial no mercado de trabalho gastronômico.

Metodologia

Esta é uma pesquisa de abordagem quantitativa, de natureza básica, com objetivos exploratórios e utiliza procedimentos bibliográficos e documentais (GERHARDT, SILVEIRA, 2009).

Os dados foram coletados no *site* do IBGE, através do Cadastro Central de Empresas (CEMPRE), no intervalo de 2010 a 2019, não estando atualizado devido à demora de publicização por parte deles, e foram analisados à luz dos estudos de gênero para levantar evidências da divisão sexual de trabalho e das dinâmicas de desvalorização laboral das mulheres neste setor, e são apresentados e discutidos a partir de agora.

Resultados e Discussão

Houve um crescimento de 2,7% do Número Total de Empresas (NTE) no período de 2010 a 2019. Entretanto, observa-se que o setor de Alimentação perdeu mais de 30.000 unidades ao longo dessa década.

O crescimento e depois perda dessas empresas é associado à vinda de eventos internacionais ao Brasil. Após a passagem destes, muitos empreendimentos não conseguiram manter-se em funcionamento (BARBOSA, 2018). Apesar da tentativa fracassada de crescimento, os números caem de maneira drástica, principalmente após os abalos econômicos e diplomáticos do golpe de 2016, reconhecido em 2022 pelo então Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Luís Roberto Barroso, que o denomina como sendo uma “perda de sustentação política” (BARROSO, 2022).

Essa redução de empreendimentos é reflexo da instabilidade econômica, política, social e de recessões que o país enfrentava (BARBOSA, 2018) e enfrenta. A somatória desses desastres colocou e coloca os negócios em situação crítica, o que levou esses números a caírem ainda mais, resultando numa posição delicada, colocando a população à beira de um colapso econômico e alimentício.

A População Ocupada Total (POT) compreende àquelas pessoas com 16 anos ou mais de idade e que exercem atividade profissional, remunerada ou não, bem como proprietários/as e sócios/as com atividade na unidade, inclusive pessoas que tinham trabalho, porém não o exercem em determinado período, e que estavam efetivamente ocupadas no ano de referência (IBGE, 2010, 2022). Tendo isso em vista, observou-se um crescimento de 7% no número de empregados/as de 2010 a 2019. O ápice foi no biênio 2013-2014, quando ultrapassou 55 milhões de trabalhadores/as. Junto a isso, verificou-se que a média da POT do setor de Alimentação corresponde a 3,5% da POT de Todos os Setores, na década.

Entende-se por População Ocupada Assalariada (POA) as pessoas que possuem vínculo formal e informal que estavam ocupadas em 31 de dezembro de cada ano de referência, analisado no CEMPRE (IBGE, 2022). Sendo assim, apresentam-se os dados da POA do setor de alimentação do Brasil, por gênero, no Quadro 1.

Quadro 1 - POA do setor de Alimentação por Gênero no Brasil de 2010 a 2019 (em mil)

Gênero/Ano	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Masculino	558,8	584,6	610,8	637,7	664,3	667,6	668,4	674,4	685,2	705,8
Feminino	677,1	750,5	800,8	858,5	902,8	880,9	855,0	841,0	844,5	876,1

Fonte: IBGE, 2010-2019.

Nota-se que o setor cresceu de 2010 a 2014, graças às políticas públicas de incentivo ao comércio e ao setor de serviços (BASTOS, 2017).

Sobretudo, destaca-se que a participação feminina neste setor foi superior a 54% no período, em média. Por fim, a POA do setor de Alimentação, em relação à POA de Todos os Setores (2010 para 2019), passou de 2,9% para 3,4%.

Compreende-se Salários e Outras Remunerações (SOR) como sendo as “importâncias pagas no ano, a título de salários fixos, honorários, comissões, ajudas de custo, 13º salário, abono financeiro de 1/3 das férias, participações nos lucros, entre outras” (IBGE, 2022, p. 128) que são pagos aos/as trabalhadores/as sem que haja dedução das cotas de previdência e assistência social ou de outras consignações que sejam de interesse dos/as empregados/as, como aluguéis domésticos, cooperativas, entre outros (IBGE, 2022). Sendo assim, o salário médio mensal brasileiro do setor de alimentação é apresentado no Quadro 2.

Quadro 2 – Salário Médio Mensal (SMM) do setor de Alimentação por Gênero no Brasil de 2010 a 2019 (em salários-mínimos)

Gênero/Ano	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Masculino	1,6	1,7	1,6	1,6	1,6	1,7	1,6	1,6	1,7	1,6
Feminino	1,4	1,4	1,4	1,4	1,4	1,5	1,4	1,5	1,5	1,4

Fonte: IBGE, 2010-2019.

Percebe-se que, neste período, foram pagos 1,6 salários-mínimos ao gênero masculino e 1,4 ao feminino. Logo, as mulheres recebem menos do que os homens, apesar delas compreenderem mais de 54% da POA. Desse modo, demonstra-se uma discriminação de gênero através dos salários.

Diante do exposto, é possível notar que o “Teto de Vidro” teorizado por Marilyn Loden e elucidado por Beltramini, Cepellos, Pereira (2022), mesmo sendo descrito na primeira metade do século XX, possui forte influência no modo de vida das sociedades atuais.

Este “teto” se materializa de diversas formas, podendo inclusive se entrelaçar com outros conceitos-chave, como a divisão sexual do trabalho. As limitações das mulheres se iniciam no seu processo de formação/profissionalização (BELTRAMINI, CEPellos, PEREIRA, 2022) que, mesmo não tendo sido objeto de estudo deste trabalho, ficam evidentes pela própria existência de “praças” que pressupõe pouca ou nenhuma instrução para as atividades desempenhadas por elas, além de pressupor que atividades mais delicadas, como as de confeitaria, e que requerem mais cuidados e higiene em geral, como as de limpeza e organização, e menos “emprego da força física” são para as mulheres. Esta distribuição dos postos de trabalho, também, traz consigo sinais de limitações na atuação social e profissional, bem como da ocupação dos espaços de liderança, que também podem ser inferidas pelas funções atribuídas às “praças” designadas para as mulheres.

Para além de todo o exposto, as limitações de pagamento que as mulheres enfrentam, sendo elas quem recebem menos no setor de alimentação, também, configuram aspectos descritos na teoria do “teto de vidro”. Segundo Beltramini, Cepellos, Pereira, (2022), a remuneração é um aspecto essencial desta teoria, porque ela reflete diretamente na capacidade de subsistência e na qualidade de vida na sociedade capitalista em que vivemos. Para além disso, os honorários estão intimamente ligados à possibilidade de mobilidade social, podendo

possibilitar às mulheres melhores condições para alcançar espaços e *status* que dependem do capital financeiro.

Considerações Finais

Diante de um rápido crescimento do total de empreendimentos brasileiros e em meio à queda de 10,6% dos negócios de alimentação, entre 2010 e 2019, fica evidente que não houve o mínimo avanço com relação à remuneração das mulheres trabalhadoras desse setor, mesmo estas compreendendo a mais de 54% do total de pessoas empregadas neste período.

Estes dados evidenciam a necessidade de ajustes nas condições de trabalho das mulheres, tendo em vista que o setor de Alojamento e Alimentação teve, em 2019, a participação de 2,49%, e na década uma colaboração média de 2,36%, do que foi produzido para compor o Valor Adicionado Bruto (VAB) do Brasil, o que demonstra enorme importância e movimentação financeira por este setor.

Por fim, os objetivos deste trabalho foram alcançados uma vez que os dados obtidos trazem à tona que a vida laboral das mulheres, em especial das trabalhadoras do ramo alimentar, ainda sofre forte influência de todos os estigmas, que hoje são compreendidos como cicatrizes de um processo de colonização e que trouxe consigo uma cultura de subserviência e desvalorização da vida e do trabalho das mulheres.

Pesquisar gênero no setor de trabalho aqui descrito, ou em quaisquer outros, é importante não somente para compreender a realidade e as configurações das dinâmicas sociais cotidianas, como, também, para evidenciar que algumas questões, como as cicatrizes coloniais aqui citadas, ainda não foram superadas e precisam ser estudadas para que seja possível traçar formas de mitigar suas consequências e vislumbrar mudanças estruturais significativas.

REFERÊNCIAS

AMORIM, V. L. M.; SANTOS, J. C.; FONTES, K. V. L. C.; SOUZA, K. V. **Discriminação de Gênero na cozinha profissional – quando surgiu esta história?** In: Semana de Pesquisa da Universidade Tiradentes, Tiradentes. Anais. Tiradentes: Unit, p.1-3, 2016. Disponível em: <<https://eventos.set.edu.br/sempesq/article/viewFile/4311/2006>> Acesso 22 fev. 2023.

BARBOSA, R. S. **O impacto do golpe de 2016 nos indicadores sociais** / Instituto Humanitas Unisinos, Notícias. Publicado em 14 dez 2018. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/585533-o-impacto-do-golpe-de-2016-nos-indicadores-sociais>> Acesso em 01 fev. 2023.

BARROSO, L. R. **A democracia sob pressão: o que está acontecendo no Brasil e no mundo**. CEBRI Revista, Ano 1, nº 1, p. 33-55, jan-mar, 2022. Disponível em: <https://cebri.org/revista/media/revistas/arquivos/CEBRI-Revista_-_Edicao_Espec.pdf> Acesso em 09 mar. 2023.

BASTOS, P. P. Z. **Ascensão e crise do governo Dilma Rousseff e o Golpe de 2016: poder estrutural, contradição e ideologia** / Revista de Economia Contemporânea (2017), Número Especial: p. 1-63. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rec/a/Q64JZq7tHnKDsYGVRrYS4mD/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em 02 fev. 2023.

BELTRAMINI, L. M.; CEPellos, V. M.; PEREIRA, J. J. **Mulheres jovens, “teto de vidro” e estratégias para o enfrentamento de paredes de cristal** / Revista de Administração de Empresas FGV AESP, São Paulo, vol. 62, n. 6, p. 1-25, 2022. Disponível

em: <<https://www.scielo.br/j/rae/a/q8xLSPzQMPMFfLWzf9X9GVx/?format=pdf&lang=pt>>
Acesso em 07 mar. 2023.

BRIGUGLIO, B. **Cozinha é lugar de mulher? A divisão sexual de trabalho em cozinhas profissionais.** São Paulo: Lutas Anticapital, 2022.

CURIEL, O. P. **El régimen heterosexual y la nación. Aportes del lesbianismo feminista a la Antropología.** La manzana de la discordia, 6, 1: 25-46, 2011. Disponível em:
<<https://bibliotecadigital.univalle.edu.co/bitstream/handle/10893/3501/art2.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em 10 mar 2022.

_____. **Construyendo metodologías feministas desde el feminismo decolonial,** in MENDIA AZKUE, Irantzu (org.), *Otras Formas de (Re) Conocer*, Donostia-San Sebastian, Hegoa, 2015. Disponível em: <[Construyendo metodologías feministas desde el feminismo decolonial. Otras Formas de \(Re\) Conocer](#)> Acesso em 10 mar 2022.

FERNANDES, S. **Sintomas Mórbidos: a Encruzilhada da Esquerda Brasileira – 1ª ed.** São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa.** – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em:
<<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>> Acesso em 22 fev. 2023.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA -. **Estatísticas de gênero. Tabela - população ocupada (null) 2000-2010,** 2010. Disponível em:
<<https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-1,1,2,-2,-3,128,129&ind=4728>> Acesso em 11 jan. 2023.

_____. **Base de dados do Cadastro Central de Empresas. 2010-2019.** Disponível em:
<<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/cepre/quadros/brasil/2020>> Acesso em: 04 jan. 2023.

_____. **Estatísticas do cadastro central de empresas: 2020 / IBGE,** Coordenação de Cadastros e Classificações. - Rio de Janeiro - RJ: IBGE, 2022. Disponível em:
<<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101951.pdf>> Acesso em 05 fev. 2023.

RESENDE, A. M.; MELO, M. C. **Lugar de mulher é na cozinha? Uma análise com Chefs mulheres sob a lógica da dominação masculina.** In: IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, Porto Alegre, RS, 2016. Disponível em
<<https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/download/59/51>> Acesso em 20 fev. 2023.

VIANA, A. A. C. **A figura poderosa do chef-celebridade: refletindo sobre machismo nas cozinhas profissionais.** Revista Scientiarum História, 2020, v. 1, e. 252, p. 1-9. Disponível em: <https://doi.org/10.51919/revista_sh.v1i0.252> Acesso em 01 mar. 2023.